

JORNALISMO IMPRESSO E JORNALISMO ONLINE: A LINGUAGEM HÍBRIDA DA INFORMAÇÃO

Aparecida Luzia. A. Zuin (Doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP)

Claudio Manoel de Carvalho Correia (Doutorando pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP)

Introdução

Este trabalho trata dos avatares verbal-escrito, imagético e cultural do jornalismo impresso e, sonoro, audiovisual, interativo e cultural do jornalismo *online*. Tem como objetivo identificar as diferentes estruturas que os constituem, sendo que na base dessa estrutura está o hibridismo das linguagens que organizam os dois *media* dotados de sentido. Para a análise desse processo de hibridização constituinte dos veículos jornalísticos, objetos de nossa análise, utilizamos a teoria das *Matrizes da Linguagem e Pensamento*, desenvolvida por Santaella (2001, p. 379), na qual afirma que quando se trata de linguagens existentes, manifestas, a constatação imediata é a de que todas as linguagens, uma vez corporificadas, são híbridas.

O avanço das teorias desenvolvidas por Santaella (2001) para a análise das linguagens, está no fato de que as três matrizes básicas que dão origem aos processos de hibridização estão baseadas nas Categorias Formais da Experiência, desenvolvidas pelo filósofo-lógico-matemático, Charles Sanders Peirce, que são a base de sua Semiótica: A Ciência Geral dos Signos. Assim, para Santaella, são três matrizes básicas que estruturam as linguagens: (1º) a Matriz Sonora, que está no domínio da Primeiridade; (2º) a Matriz Visual, que está no domínio da Secundidade; (3º) e a Matriz Verbal, que está no domínio da Terceiridade. Dessas três matrizes básicas se desenvolvem submodalidades, cuja aplicação nos permite um mapeamento tanto da estrutura como do funcionamento dos sistemas concretos de linguagem que estão sob análise.

As *Matrizes da Linguagem* foram aplicadas nos veículos impresso e *online*, e estes foram analisados tanto no plano discursivo, como no plano da diagramação, com vias a buscar as diferenças significativas que podem ser observadas no uso das linguagens híbridas nessas mídias jornalísticas.

1- As Categorias da Experiência como Fundamento das Matrizes da Linguagem e Pensamento

Na filosofia científica da linguagem desenvolvida por Charles Sanders Peirce, a preocupação fenomenológica se constituiu na fundamentação básica de todo o seu pensamento filosófico como um todo. Para Peirce, o primeiro momento de análise e observação em um trabalho filosófico é a fenomenologia, grosso modo, a ciência que tem como objetivo a observação de qualquer fenômeno. Assim, o trabalho e a tarefa do filósofo é a da criação do que é entendido como a “doutrina das categorias”, cujo objetivo é a realização da mais radical análise de todas as experiências possíveis. A fenomenologia como ciência proporciona a análise dos processos de percepção e das formas e fontes pelas quais o conhecimento é apreendido.

A fenomenologia na perspectiva peirceana funciona como base fundamental para qualquer ciência, porque observa os fenômenos e, por meio da análise e do estudo radical, desenvolve formas e postula aquilo que é universal, ou seja, as propriedades inerentes a esses fenômenos observados. Portanto, é da fenomenologia que devem emergir as categorias universais a toda e qualquer forma de experiência e de pensamento.

Devemos observar também que a fenomenologia, segundo Peirce, é conceituada como a descrição e a análise das experiências que estão em aberto para todo homem. Assim, o fenômeno é entendido como qualquer coisa que esteja de algum modo e em qualquer sentido presente à mente, ou seja, qualquer coisa que apareça, seja ela externa, interna ou visceral, quer pertença a um sonho ou uma idéia geral e abstrata da ciência (Santaella, 1983, p. 32-33).

Ao considerar como experiência tudo o que se apresenta a nós, isto é, os fenômenos (ou na acepção de Peirce, os *phanerons*), aquilo que se impõe ao nosso reconhecimento em um processo radicalmente dialético – como é peculiar a todo o pensamento de Peirce, que “conclui que tudo que aparece à consciência, assim o faz numa gradação de três propriedades que correspondem aos três elementos formais de toda e qualquer experiência” (Santaella, 1983, p. 35), estamos falando de suas três categorias universais de toda experiência e todo pensamento: as categorias da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

Para chegarmos a um panorama da amplitude dessas categorias, basta termos em mente que, em nível bastante geral, o conceito de primeiridade corresponde ao acaso, originalidade, liberdade, e variação espontânea; o de secundidade corresponde à ação e à reação dos fatos concretos, existentes e reais; já no conceito de terceiridade, encontramos a mediação (como processo) e o crescimento contínuo.

O que Peirce nos apresenta são categorias lógicas que constituem as bases e o fundamento de seu conceito de signo e, também, de sua classificação sistemática dos signos. As Categorias da Experiência são para Peirce os três modos como os fenômenos aparecem à consciência. Porém, Santaella (1983, p. 42) nos chama a atenção para que não entendamos “essas categorias como entidades mentais, mas como modos de operação do pensamento-signo que se processam na mente”.

A categoria da Primeiridade é constituída como a presentidade. A consciência em estado de primeiridade é, sobretudo, uma qualidade de sentimento e, devido a sua característica essencialmente qualitativa, é a primeira categoria fenomenológica; portanto, é presente e imediata. É definida como uma primeira apreensão das coisas que a nós se apresentam. Como definiu Santaella (1983, p. 46) “já é tradução, finíssima película de mediação entre nós e os fenômenos”. Essa qualidade de sentimento característico da primeiridade é o modo mais imediato. O sentimento intrínseco à primeiridade pode ser definido como a forma primeira, vaga, rudimentar e imprecisa de nossa apreensão dos *phanerons*, ou seja, dos fenômenos que surgem para serem apreendidos em nossa consciência. Peirce (1980, p. 88), visando detalhar suas Categorias, define a manifestação da primeiridade com o sentido de que “a idéia de Primeiro predomina nas idéias de novidade, vida, liberdade. Livre é o que não tem outro atrás de si determinando suas ações; (...) O primeiro predomina na sensação, distinto da percepção objetiva, vontade e pensamento”. Ou seja, é o estado de sensibilidade monádico.

Na categoria da Secundidade encontramos um mundo concreto, real, caracterizado pela ação e reação. Nas palavras de Santaella (1983, p. 47) “um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade”. O próprio fato da vida e da existência em si mesma significa um processo de reação da consciência se relacionando com o mundo que a cerca. Onde houver um fenômeno, ou seja, um *phaneron*, existirá uma qualidade, ou seja, sua primeiridade. Entretanto, Santaella

(1983, p. 47) nos chama a atenção para a definição do próprio conceito fenomenológico da secundidade que deve ser observado:

(...) onde quer que haja um fenômeno, há uma qualidade, isto é, sua primeiridade. Mas a qualidade é apenas uma parte desse fenômeno, visto que, para existir, a qualidade tem de estar encarnada numa matéria. A factualidade do existir (secundidade) está nessa corporificação material.

Assim, como podemos observar, as experiências são constituídas, na fenomenologia de Peirce, por três elementos, categorias universais do pensamento. A Primeiridade, a Secundidade e a Terceiridade.

A partir das três categorias peirceanas da experiência, Santaella (2001) desenvolveu as três matrizes básicas consideradas como estruturas das três formas principais e essenciais de linguagens: (1º) a Matriz Sonora, sob no domínio da Primeiridade; (2º) a Matriz Visual, sob o domínio da Secundidade; (3º) e a Matriz Verbal, sob o domínio da Terceiridade. É dessas três matrizes básicas que se desenvolvem submodalidades das três formas de linguagem, cuja aplicação nos permitiu um mapeamento tanto da estrutura como do funcionamento dos sistemas concretos de linguagem que estão sob análise. *As Matrizes da Linguagem* foram aplicadas aos veículos de notícias, impresso e *online*, e estes veículos foram analisados tanto no plano discursivo, como no plano da expressão, mais especificamente, no nível da diagramação, com o objetivo de buscar diferenças significativas que podem ser observadas no uso das linguagens híbridas nestas diferentes mídias jornalísticas.

2. As Matrizes da Híbridização das Linguagens

Como já foi observado, Santaella (2001) desenvolveu uma classificação sistemática das três formas básicas de linguagem, chamando-as de *Matrizes da Linguagem e Pensamento*, na medida em que é a partir destas três linguagens e de suas misturas que emergem todas as formas de linguagens que encontramos em uso no universo vasto da comunicação.

Portanto, sob essa perspectiva teórica das *Matrizes Sonora, Visual e Verbal* a presente análise se volta aos diferentes níveis e planos de linguagem: discursivo-verbal, figurativo-visual; sonoro e hipermidiático. A atenta observação dos diferentes níveis nos permite levantar questionamentos sobre a narrativa sucessiva cronológica (fixa, temporal, física) presente no jornalismo impresso e, também, questionamentos para futuras “previsões” sobre a questão dos processos de narratividade circular (nômade, virtual, interativa) (Santaella, 2004) presentes no jornalismo *online*.

Entender o jornalismo na era tecnológica é uma tarefa que vem sendo realizada por vários estudiosos da área de comunicação. Assim como os demais meios comunicacionais, o jornalismo se viu na necessidade iminente de se adaptar às novas regras da modernidade e, para não se tornar obsoleto ou ultrapassado, aderiu às práticas da informatização. Hoje a interface entre o jornalismo impresso e o jornalismo *online* é uma realidade que muda a própria característica do jornalismo. Da mesma forma, mudam os paradigmas e os estudos acerca da organização e constituição lingüística, imagética e textual deste campo de comunicação. Com o surgimento das técnicas e dos meios gráficos facilitadores para a reprodução da notícia e outros formatos textuais, o computador, via de regra, veio para, além de facilitar as tarefas cotidianas, possibilitar a interação dinâmica e dialógica com o leitor pela Internet.

Se os meios de comunicação aos poucos agregaram as linguagens que possibilitariam uma maior condição de contato com o receptor, o jornal não poderia deixar a seu tempo de avançar no uso dessa hibridização semiótica. O jornal moderno se instalou no mercado comunicacional composto, cada qual em sua especialidade e/ou especificação, das linguagens verbal, sonora, visual, e atualmente, interativa. Consequentemente, tanto o jornal como a própria comunicação estão centrados nas práticas semióticas.

O desenvolvimento da compreensão das linguagens, enquanto produto histórico e cultural foi refletido de acordo com o desenrolar da história. O estudo do discurso que se interessa pela utilização concreta das linguagens demonstrou que todo enunciado que se refere à realidade, ao refleti-la de certa maneira, também necessariamente a refrata de certa maneira, de acordo com Bakhtin (1992, p. 26).

3 – A Estrutura Midiática da Informação Jornalística Impressa

Iniciaremos nossas análises sobre as diferenças entre o jornalismo impresso e o jornalismo *online*, a partir da observação do jornalismo impresso, na medida em que, por questões históricas, o jornalismo impresso é anterior ao *online*, e se apresenta ainda como uma mídia extremamente poderosa de veiculação de notícias e ideologias. Como primeiro muitas vezes o jornalismo impresso ainda se constitui como matriz básica e exemplar para as novas mídias de sentido que surgem com o advento das novas tecnologias de comunicação. Assim, o estudo de sua estruturação é de fundamental importância para o entendimento das formas como veicula sentido e informação tanto no nível discursivo, como no nível diagramático. O ponto de partida de nossa análise está no entendimento de que a forma básica de comunicação do jornal impresso, a “escrita”, deve ser entendida não como uma forma de linguagem verbal, mas sim, como uma manifestação da *Matriz Visual*.

A linguagem verbal escrita é, primeiramente, uma representação da linguagem verbal oral-auditiva. A linguagem verbal escrita é um fenômeno que demonstra a capacidade de transferência de meio, flexibilidade e adaptabilidade, características da linguagem verbal oral-auditiva, ou seja, a transformação da fala humana em um sistema específico de representação: o alfabeto. Desse modo, a linguagem verbal escrita é constituída por um sistema alfabético que representa as unidades lingüísticas de um determinado sistema lingüístico visualmente, portanto, ela se constitui como uma forma de linguagem visual, que precisa ser apreendida visualmente pelo leitor, para sua posterior decodificação. O código gráfico da língua representa visualmente, através de símbolos convencionais-representativos, os sons da língua que está representando. Nessa medida, na análise do plano discursivo do jornal impresso, a escrita se apresenta como uma manifestação da Matriz Visual, em sua terceira submodalidade: Formas Representativas:

2 . MATRIZ VISUAL

2.1 Formas não- representativas

2.2 Formas Figurativas

2.3 Formas Representativas

A linguagem utilizada nas notícias impressas de jornal é uma forma de **representação por convenção**, na medida em que o código gráfico utilizado para a representação da língua de uma determinada comunidade lingüística é uma escolha de uma determinada sociedade para que formas gráficas, que em um primeiro momento não possuem nenhuma relação direta com o que representam (pois as formas da escrita por representação fonética, não são formas figurativas) passem a representar sons, que unidos por uma complexa relação sistêmica, representam palavras, que unidas, representam frases.

Portanto, a linguagem verbal escrita, veículo utilizado para representar os fatos e casos narrados nos jornais são, em um primeiro momento de observação, no nível da matriz da linguagem visual, uma forma de **representação por convenção: sistema**.

2. MATRIZ VISUAL

2.1 Formas não- representativas

2.2 Formas Figurativas

2.3 Formas Representativas

2.3.1 Representação por analogia: a semelhança

2.3.2 Representação por figuração: a cifra

2.3.3 Representação por convenção: sistema

Assim, fica evidente a dependência da percepção visual para a decodificação desta forma específica de representação por convenção.

Devido à evidente arbitrariedade que constitui a base do funcionamento de todos os sistemas lingüísticos, a linguagem verbal escrita, que representa as línguas naturais orais-auditivas nos noticiários de jornais também por princípios de convencionalidade e de arbitrariedade, se apresenta como um **sistema convencional arbitrário**.

MATRIZ VISUAL

2.3 Formas Representativas

2.3.1 Representação por analogia: a semelhança

2.3.2 Representação por figuração: a cifra

2.3.3 Representação por convenção: sistema

2.3.3.1 Sistemas convencionais analógicos

2.3.3.2 Sistemas convencionais indiciais

2.3.3.3 Sistemas convencionais arbitrários

A linguagem verbal embute as outras duas matrizes. Daí emerge seu alto grau de complexidade. Como foi observado, o ponto inicial de nossa análise está na matriz da linguagem visual, especificamente em seu terceiro nível: a “forma representativa por convenção”; e se caracteriza como um “sistema de convenção arbitrário”. É, portanto, na linguagem visual que está o início de nosso processo de análise e de classificação.

No que concerne ao nosso objeto de análise, Santaella (2001) classifica as notícias jornalísticas como exemplos de narração. A notícia jornalística é um caso típico de **narração**, na medida em que segundo Santaella (2001, p. 289) “Os textos narrativos são aqueles que organizam ações e eventos em uma ordem seqüencial”. Seu objetivo é apresentar um fato ocorrido para um determinado leitor, que no processo de leitura, interage com o texto verbal que é apresentado pelo autor com a finalidade de “narrar” os fatos e eventos acontecidos. Porém, todo o processo de transmissão do fato ocorrido se dá através de um processo que busca seguir gradativamente a ordem seqüencial do fato ocorrido.

3- MATRIZ VERBAL

3.1 Descrição

3.2 Narração

3.3 Dissertação

As notícias jornalísticas são, dessa forma, classificadas no nível da matriz da linguagem verbal como formas de narração; porém, entre os três subníveis do processo

narrativo classificados por Santaella (2001, p. 316-339), as notícias jornalísticas são exemplos de **narrativa sucessiva**, na medida em que:

a relação entre as seqüências da história é de ordem cronológica. As ações se sucedem no tempo, num encadeamento linear, uma depois das outras. É o caso típico da maioria das notícias jornalísticas: o acontecimento é relatado no seu encaminhamento temporal, primeiro isto, depois aquilo etc. Tais narrativas caracterizam-se no nível da secundidade porque se trata do registro das partes temporais que compõem o todo de um acontecimento. (Santaella, 2001, p. 331)

O tempo do fato ocorrido é representado em uma notícia jornalística, isto é, no texto apresentado no jornal, organizado em uma ordem seqüencial que tem por finalidade a representação do fato em uma ordem temporal ocorrida no passado. Entre as submodalidades da narração sucessiva, Santaella (2001, p. 333-336) nos apresenta três níveis internos ao processo narrativo sucessivo: (1) descompasso temporal, (2) grau zero narrativo e (3) sucessividade cronológica.

Entre essas três submodalidades, as notícias em jornais impressos podem ser classificadas como formas de **sucessividade cronológica**, na medida em que, segundo Santaella (2001, p. 335), a notícia “busca reduzir o acontecimento ao fio de sua temporalidade”. Assim, os fatos são narrados com o objetivo de construir um roteiro que busca se aproximar ao máximo do “fluxo do tempo” de um evento.

Para Santaella (2001, p. 335) “a notícia é assim o gênero do discurso que melhor representa o acomodamento da narrativa verbal a um nível otimizado de pura sucessividade”. O fato é apresentado em uma seqüência que busca representar a passagem do acontecimento no tempo.

3- MATRIZ VERBAL

3.1 Descrição

3.2 Narração

3.2.1 Narração espacial

3.2.2 Narração sucessiva

3.2.2.1 Descompasso temporal

3.2.2.2 Grau Zero narrativo

3.2.2.3 Sucessividade Cronológica

3.2.3 Narração causal

3.3 Dissertação

Vale atentar para o fato de que, no desenvolvimento da sucessividade cronológica da notícia jornalística, podemos observar, também, exemplos da terceira classificação da matriz da linguagem verbal: estamos falando da **Dissertação**.

Dentro da terceira modalidade da matriz verbal, ou seja, na **Dissertação**, encontramos mais três subníveis do processo dissertativo: (1) dissertação conjectural, (2) dissertação relacional e (3) dissertação argumentativa. Os casos de dissertação que podemos observar no decorrer das narrativas sucessivas, são exemplos do segundo subnível da dissertação: **Dissertação Relacional**.

3- MATRIZ VERBAL

3.1 Descrição

3.2 Narração

3.3 Dissertação

3.3.1 Dissertação conjectural

3.3.2 Dissertação relacional

3.3.3 Dissertação argumentativa

Segundo Santaella (2001, p. 357): “Na dissertação relacional, suposições ou teorias são correlacionadas com fatos, e, através desses fatos, o discurso pretende testar a comprovação da teoria. Nesse caso, os fatos concretos funcionam como índices de suporte da teoria”.

Percebemos nos comentários as observações acerca das notícias jornalísticas, isto é, exemplos da primeira submodalidade da dissertação relacional: “**comentário dos fatos**”; uma forma de discurso que é guiada pelo julgamento do enunciador, através da transformação dos fatos em idéias, ou seja, em pensamentos, em julgamentos.

A partir da análise do plano discursivo, podemos começar a pensar sobre como o plano diagramático do jornalismo impresso se apresenta. Se a representação escrita dos sons da língua confere ao jornalismo impresso uma complexidade de categorias que se iniciam em sua própria natureza visual, e se mescla à Matriz Visual, engendrando níveis de narratividade essenciais à transmissão da informação; no nível da diagramação, a visualidade inerente à Matriz Visual, se desmembra em figuratividades e registros, na manutenção do equilíbrio da estrutura da informação jornalística.

O Jornalismo impresso apresenta tradicionalmente na diagramação da notícia, no nível da matriz visual, casos de **formas figurativas**.

As formas figurativas são para Santaella (2001, p. 227) “formas referenciais que, de um modo ou de outro, com maior ou menor ambigüidade, apontam para objetos ou situações em maior ou menor medida reconhecíveis fora daquela imagem”. Podemos observar, em noticiários de jornais impressos, principalmente exemplos de formas figurativas da segunda submodalidade, isto é, a **figura como registro: a conexão dinâmica**.

2. MATRIZ VISUAL

2.1 Formas não- representativas

2.2 Formas Figurativas

2.2.1 A figura como qualidade: o *sui generis*

2.2.2 A figura como registro: a conexão dinâmica

2.2.3 A figura como convenção: a codificação

2.3 Formas Representativas

A figura como registro: a conexão dinâmica é, segundo Santaella (2001, p. 231), a manifestação “mais próximas da indexicalidade, (...) registro de objetos ou situações existentes”, no universo da linguagem visual. No nível da indexicalidade, a imagem é determinada pelo objeto. Há uma relação factual da imagem com seu objeto ou referente, como pode ser observado nas fotografias que acompanham as notícias nos jornais impressos.

Porém, entre as submodalidades da figura como registro, podemos classificar as fotografias que acompanham as notícias jornalísticas como **Registro Físico**.

2. MATRIZ VISUAL

2.1 Formas não- representativas

2.2 Formas Figurativas

2.2.1 A figura como qualidade: o *sui generis*

2.2.2 A figura como registro: a conexão dinâmica

2.2.2.1 registro imitativo

2.2.2.2 registro físico

2.2.2.3 registro por convenção

2.2.3 A figura como convenção: a codificação

2.3 Formas Representativas

Podemos, também, encontrar em algumas notícias de jornal impresso exemplos de **registro imitativo**, na medida em que, nesta classificação, a figura “é mimética em relação àquilo que ela registra. O traçado da figura imita, assemelha-se à forma visível do objeto denotado” (Santaella, 2001, p. 233).

2. MATRIZ VISUAL

2.1 Formas não- representativas

2.2 Formas Figurativas

2.2.1 A figura como qualidade: o *sui generis*

2.2.2 A figura como registro: a conexão dinâmica

2.2.2.1 registro imitativo

2.2.2.2 registro físico

2.2.2.3 registro por convenção

2.2.3 A figura como convenção: a codificação

2.3 Formas Representativas

Por ser um meio de comunicação, o jornalismo envolve permanentemente a preocupação de satisfazer e atender aos anseios do grupo a que serve. A notícia, assim, foi incorporando em si as estruturas textuais que a tornaram capaz de desempenhar esta missão, replicando em diferentes momentos as dinâmicas da modernidade e assumindo uma natureza híbrida; uma notícia pode, pois, se compor de linguagem verbal, visual e/ou fotográfica, dependendo do suporte onde se instaura. Melhor: se o jornalismo é por condição uma linguagem híbrida, a notícia é híbrida, às vezes, em sua condição escritural/textual. Observe-se ainda que a narrativa da notícia é um gênero literário de tradição assentada no épico, com a organização dos eventos em seqüências, registros na mesma ordem que teriam ocorrido no tempo; de uma seqüência a outra, há cortes temporais ou espaciais. É a partir desta gramática da notícia que as informações sobre objetos, ambientes e personagens são embutidas, na narrativa dos eventos; trata-se assim de elementos descritivos. Ocorre, com isso, na narrativa, um encadeamento de seqüências S-, constituído de eventos (1,2,3 etc) temporalmente relacionados (S1, S2, S3 etc).

4. A Estrutura da Informação no Labirinto da Virtualidade

Segundo Santaella (2004) em “A prontidão perceptiva e a polissensorialidade do navegador”, o usuário da Internet quando adentra o universo da rede informacional trafega por um ambiente de signos híbridos, no qual imagens, gráficos, desenhos, figuras, palavras, textos, sons e mesmo vídeos misturam-se na constituição de uma metamídia complexa.

É nesse ambiente que hoje, na era do virtual, o leitor do jornal experimenta o hábito de leitura. Percebe-se que o ato de tocar, folhear, sujar os dedos de tinta e deixar suas digitais como “carimbos” nas páginas dos cadernos foi substituída aos poucos pela prática dos toques e/ou do clicar no *mouse* ou nas teclas sobre e desce do computador. Além da

mudança nos modos de tatear o suporte do jornal impresso, os modos de leitura também se diversificaram como a própria maneira de escrever do jornalista.

Dois sujeitos que duplamente necessitaram passar por um processo de cognição diferenciado a fim de conjugar o ler e o escrever no jornalismo, ainda, aprenderam a manusear as ferramentas do chamado - ciberespaço – assim, o leitor e o jornalista tentam pelo mesmo percurso fazer parte e se orientar através de um universo performativo dos megas ou giga-bites: um universo invisível que não se localiza no espaço real, mas no virtual. O tato antes exploratório das informações pelo suporte papel hoje passa a se configurar no tatear do teclado e do *mouse*, hábito do captar a mensagem noticiosa através das páginas da Internet. Portanto, embora estejam na geografia espacial, com nomes próprios, endereços de localidade (rua, avenida, números, estado, país) no ambiente informacional do *site* onde se manifesta a(s) notícia(s) os exercícios de mobilidade são efetuados no corpo fluído da tela do computador, que, segundo Santaella (2004) é uma enxurrada de signos. Mais, o jornalismo *online*, como é tratado aqui, caracteriza-se por uma escrita e leitura multilinear e não-seqüencial, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica que coloca em jogo as qualidades sensíveis do tato e do olhar do produtor do jornal como do leitor deste.

Desse modo, o antigo hábito do jornaleiro ou entregador do jornal impresso aos poucos se esvai. Com isto, surge o jornalismo rápido, dinâmico que dispensa todo o instrumental de um pólo gráfico, apto a despertar a agilidade do *modus operandi* da modernidade, cuja função é se oferecer direta e instantaneamente ao receptor.

Quanto a essas afirmações, nada de novo é forjado aos estudos de mudança de hábitos nas leituras dos jornais, afinal, outros pesquisadores confirmam o dito. Entretanto, se os modos de ler passaram por transformações, idem os modos de escrever no jornalismo *online* como já dito. Da mesma forma, mudam os paradigmas e os estudos acerca da organização e constituição lingüística, imagética e textual deste campo de comunicação. Com o surgimento das técnicas e dos meios gráficos facilitadores para a reprodução da notícia e outros formatos textuais, o computador, via de regra, veio para, além de facilitar as tarefas cotidianas, possibilitar a interação dinâmica e dialógica com o leitor pela Internet.

O jornalismo é por natureza uma linguagem híbrida. Constituído pelo verbal, primeiramente no formato impresso e mais tarde acompanhado pelo sonoro, no jornal radiofônico, continuou sua trajetória incluindo o sistema visual, tanto no suporte impresso (com fotos, imagens, figuras, desenhos) como no telejornalismo.

Para Lage (1979, p. 16), a noção intuitiva de notícia está em maior grau para a exposição que para a narração. Por que se diz que a notícia mais expõe que narra? Esta pergunta acaba sendo a grande interrogação e ao mesmo tempo a resposta, quando se trata, principalmente, do *web* jornal. A notícia exposta através dos *links* muito mais se apresenta e se mostra do que praticamente conta/narra.

Quando se trata de *webjornais* (ou jornais *online*), fala-se em publicações eletrônicas e sistemas de hipertextos. São justamente sobre este jornalismo moderno que se debruçam hoje os estudos acerca dos modos de ver e ler as notícias. Os cuidados que balizam este modo de ver e ler estes textos distribuídos no jornal *online* é a escrita hipertextual dos produtos disponibilizados na *web*.¹

A tão conhecida pirâmide invertida do jornalismo não significa uma narrativa linear. Ao contrário, ela rompe com a seqüência cronológica (sucessiva) para privilegiar a conclusão, o mais importante. A narrativa proposta pela pirâmide invertida desconstrói a narrativa temporal, que conta os fatos na linearidade dos acontecimentos. Dizer logo de

¹ O termo WEB foi aqui empregado para designar a teia telemática mundial, da qual a Internet é a principal, porém não é a única componente.

que se trata apesar de deixar ao leitor a possibilidade de seguir a leitura para outros fatos da narrativa da forma que queira, em lugar de sugerir apenas um caminho seqüencial é a proposta da pirâmide invertida; teoricamente, os elementos da narrativa jornalística, ou unidades de informação, são apresentados por ordem decrescente de importância.

A utilização da estrutura da pirâmide invertida é característica do texto do jornalismo *online*. Nesta estrutura a notícia vai direto ao ponto, diz logo do que se trata. Entretanto esta não é a única maneira de se escrever no jornalismo *online*, ou em qualquer outra modalidade de jornalismo; nem quando esse estilo era amplamente adotado como verdadeiro paradigma da redação jornalística se tratava de algo único. No entanto, é clara a eficácia da pirâmide invertida como forma de redigir notícias na *web*, devido a certas características do novo meio. A função específica da pirâmide invertida do jornalismo na Internet é ir direto ao ponto, numa redação de estilo conciso, aquela que auxilia a comunicação num meio rápido, dinâmico e interativo como é a *web*, especialmente, ao se tratar de *hard news*, notícias de última hora que são fonte do jornal *online* na fase atual.

Embora saibamos que a narrativa linear propõe a seqüência dos fatos numa ordem direta e a notícia em sua estrutura se relaciona diretamente a este formato narrativo, é possível conciliar o uso da pirâmide com a narrativa linear, já que uma narrativa não impede a outra, nem a contradiz na escritura da notícia.² Uma vez que a pirâmide invertida rompe com a seqüência linear-cronológica, no jornal *online*, a pirâmide é um princípio básico nos textos tanto impressos como na *web*. Há quem defenda que o estilo tradicional de redação cronológica, devido à usabilidade da Internet e ao tempo de leitura do receptor, seja mais eficaz.

Seguindo a lógica discursiva com base nas Teorias do Jornalismo, adentraremos nas análises que tratamos de classificar como percursos discursivos semióticos do jornalismo *online*, através das *Matrizes da Linguagem e Pensamento*, de Santaella (2001).

Na Teoria do Jornalismo existem seis características que descrevem e explicitam o modo como a Internet executa sua função na rede: 1) Instantaneidade; 2) Perenidade; 3) Interatividade; 4) Multimeiação; 5) Hipertextualidade e 6) Personalização do conteúdo.

A **Instantaneidade** é uma forma de “Grau Zero Narrativo”. O grau de instantaneidade – a capacidade de transmitir de imediato um fato – das publicações em rede aproxima-se do atingido pelo rádio, o mais alto entre as três mídias tradicionais, seguido pela TV e pelo jornal impresso. Essa instantaneidade é uma narração característica do Grau Zero Narrativo – onde o tempo é “real”.

3. MATRIZ VERBAL

3.1. Descrição

3.2. Narração

3.2.1. Narração espacial

3.2.2. Narração sucessiva

3.2.2.1. Descompasso temporal

3.2.2.2. Grau Zero Narrativo

3.2.2.3. Sucessividade cronológica

3.3. Dissertação

A **Perenidade** é também conhecida como arquivamento ou memória. O tempo é um elemento importante nesta função; é um elemento da sensibilidade: ontem, hoje, amanhã possibilitam conhecer o próximo, o distante da experiência, preenchendo-se de conhecimento, e com isso encontrar os sentidos. No jornalismo *online*, o tempo vai se

² <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=311ENO002>. Acesso em 15/6/2006. Entrevista de Rosental Calmon Alves, por Carlos Castilho em 11/1/2005.

organizar de modo: a) instantâneo; b) notícias-flashes; c) a rede comporta outros ritmos temporais devido aos sistemas de armazenamento digital de informação – mas ao mesmo tempo, arquivado, parado, para ser acessado independente da vontade, a *web* permite a co-existência de temporalidades, para que a notícia possa *ser-vista* o veículo encontra um modo de representar a “memória humana”. O material jornalístico produzido *online* pode ser guardado indefinidamente, afinal, o armazenamento de informação binária tem um custo mais baixo. É possível guardar grande quantidade de informação em pouco espaço e essa informação pode ser recuperada rapidamente com busca rápida – *full text*. A perenidade está relacionada com a organização sistêmica de informação do computador, portanto, ela se apresenta como uma forma de sistema convencional analógico, subitem da Matriz Visual.

2. MATRIZ VISUAL

2.3 Formas Representativas

2.3.1 Representação por analogia: a semelhança

2.3.2 Representação por figuração: a cifra

2.3.3 Representação por convenção: sistema

2.3.3.1 Sistemas convencionais **analógicos**

A **Interatividade** é a possibilidade de diálogo entre jornalistas e leitores da informação. No jornal *online* a interatividade atinge seu ponto máximo. O leitor pode escolher vários caminhos para ler as notícias. Na *web*, o leitor pode enviar formulários com comentários sobre uma notícia e ver suas observações colocadas imediatamente à disposição de outros usuários. Fixa-se na proximidade feita de contatos mediados por computador num tempo e espaço reconfigurados. Embora ainda esteja numa fase inicial e ser pouco aproveitada pelos jornais eletrônicos, a interatividade fomenta o contato entre dois mundos até agora separados: aquele de quem escreve e aquele de quem lê as notícias.

A interatividade está mais próxima da dissertação, por possibilitar o diálogo entre os discursos do emissor – jornal com o discurso do receptor-leitor. Podemos perceber nos comentários das notícias jornalísticas, exemplos da primeira submodalidade da dissertação relacional: “comentário dos fatos”; uma forma de discurso que é guiada pelo julgamento do enunciador, através da transformação dos fatos em idéias, ou seja, em pensamentos, em julgamentos. Nas classificações das matrizes, temos:

3. MATRIZ VERBAL

3.1. Dissertação

3.3.1. Dissertação conjectural

3.3.2. Dissertação relacional

3.3.2.1-Comentários dos fatos, críticas e sugestões, chats, debates, fóruns etc.

Para Santaella, (2001, p.357) “na dissertação relacional, suposições ou teorias são correlacionadas com fatos, e, através desses fatos, o discurso pretende testar a comprovação da teoria. Nesse caso, os fatos concretos funcionam como índices de suporte da teoria”.

A **Multimediação** está na própria característica do jornal *online*, por ser uma forma de linguagem híbrida, onde todas as três matrizes estão em constante interação para veicular as informações, ou seja, na multimediação do jornalismo na *web* encontram-se as três matrizes funcionando em um processo de inter-relação: sons, imagens e linguagem verbal, unidos no mesmo meio para veicular a informação. Mais do que um mero

somatório, trata-se de uma nova configuração discursiva: “a hipermídia é uma linguagem eminentemente interativa. O leitor não pode usá-la de modo reativo ou passivo”, diz Santaella (2001, p. 394).

O **Hipertexto** é um sistema de escrita e leitura não-linear aplicado à informática. As informações se organizam de forma não hierarquizada, espalhadas em uma rede com inúmeras conexões – os *links* ou *hyperlinks*. Moraes (2004, p. 105) diz que hipertexto denota “um texto composto de blocos de texto – nos termos de Barthes, uma *lexia* – e os vínculos eletrônicos que os unem”.

O hipertexto digital singulariza-se pelo dispositivo eletrônico *link*. Com a velocidade e a instantaneidade de acesso aos *links*, a informação inaugura aquilo que Pierre Lévy (1995, p. 125) denomina um novo sistema de leitura e escrita, diferente do formato impresso. A maleabilidade de leitura multilinear e o número de informações pedem ao leitor que ele seja capaz de ter um “mapa cognitivo” (um desenho mental-perceptivo) das trilhas de leitura. Santaella (2004, p. 35) define hipertexto como: “modo a-seqüencial, fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua interação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica”.

No jornal impresso as páginas e figuras/imagens se apresentam em uma ordenação sintático-textual. O jornal *online*, por sua vez, apresenta a ordenação de modo associativa através do ato de navegação. Assim, segundo, Santaella (2004, p. 36) as notícias expostas nas páginas labirínticas da *web* são “enxurradas” de signos na tela do computador.

O usuário está sempre dentro de um espaço informacional, um ambiente de signos híbridos no quais os nós de informação, de acordo com Santaella (2001, p. 394) “podem aparecer na forma de texto, gráficos, seqüências de vídeos ou de áudios, janelas ou de misturas entre eles”, na constituição de uma metamídia complexa.

Nessa medida, a hipertextualidade se apresenta como uma forma de descrição conceitual.

3. MATRIZ VERBAL

3.1. – Descrição

3.1.3. Descrição conceitual

3.2. – Narração

3.3. – Dissertação

Ao passo que o internauta navega pelos *links* dos hipertextos, os fragmentos podem aparecer no nível da diagramação nas formas figurativas. As formas figurativas são para Santaella (2001, p. 227): “formas referenciais que, de um modo ou de outro, com maior ou menor ambigüidade, apontam para objetos ou situações em maior ou menor medida reconhecíveis fora daquela imagem”.

Nos *links* das páginas eletrônicas que disponibilizam a figura como registro do que poderá ser acessado é um exemplo da segunda submodalidade, isto é, a **figura como registro: conexão dinâmica**.

2. MATRIZ VISUAL

2.1. formas não-representativas

2.2. formas figurativas

2.2.1. figura como qualidade: o *sui generis*

2.2.2. **figura como registro: a conexão dinâmica**

2.2.3. figura como convenção: a codificação

2.3. formas representativas

- 2.3.1. representação por analogia: a semelhança
- 2.3.2. representação por figuração: a cifra
- 2.3.3. representação por convenção: sistema

A figura como registro, segundo Santaella (2001, p. 231) são “manifestações mais próximas da indexicalidade, (...) registro de objetos ou situações existentes”. No nível da indexicalidade, a imagem é determinada como objeto. Há uma relação factual da imagem com seu objeto ou referente, como pode ser observado, nas imagens, fotografias, desenhos que aparecem nas páginas exibindo notícias *online*.

No que concerne à **Personalização do conteúdo**, devemos observar que o leitor-usuário faz e sente-se parte do processo. O termo multi-interativo serve também para tratar da personalização do conteúdo, porque a interatividade será efetivada conforme a configuração dos produtos e de acordo com os interesses individuais do leitor-usuário. Constrói-se através dos *links* acessado uma linearidade narrativa particular. Pelas descrições dos *links*, o usuário detecta a narrativa do discurso, e os *links* são os fios condutores da narrativa e o contato direto na personalização do conteúdo.

Do mesmo modo que a interatividade, a personalização está próxima da dissertação, uma vez que o usuário tem condições de fazer e/ou modificar o processo, ou ainda construir de acordo com sua mediação. No nível da Matriz Verbal:

3. MATRIZ VERBAL

3.1. Descrição

3.2. Narração

3.2.1. Narração espacial

3.2.2. Narração sucessiva

3.2.2.1. descompasso temporal

3.2.2.2. grau zero narrativo (por ser instantânea)

3.2.3. Narração causal

3.3. Dissertação

3.3.1. dissertação conjectural

3.3.2. dissertação relacional

3.3.2.1. Comentário dos fatos

3.3.2.2. Uso dos exemplos

3.3.2.3. Fóruns

3.3.2.4. Debates

3.3.2.5. E-mails

3.3.3. dissertação argumentativa

É desse modo, que um dos aspectos evolutivos mais significativos dessa conjuntura revolucionária está no aparecimento e rápido desenvolvimento de uma nova linguagem: a hipermídia. A multidimensionalidade da hipermídia, para Santaella (2001, p: 393): “além de permitir a mistura de variadas modalidades das três matrizes da linguagem e pensamento – textos, imagens, sons, ruídos e vozes em ambientes multimidiáticos – a digitalização também permite a organização reticular dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais”. Por isso a convergência do texto escrito (livros, periódicos, científicos, jornais, revistas), do audiovisual (televisão, vídeo, cinema) e da informática (computadores e programas informáticos). Uma vez hipermidiática é uma linguagem longe de ser apenas uma nova técnica, “um novo meio para a transmissão de conteúdos preexistentes, a hipermídia é, na realidade, uma nova linguagem em busca de si mesma”,

prossegue Santaella (2001, p: 392), mas acima de tudo o jornalismo *online*, como se pode analisar é uma linguagem híbrida por natureza.

5- Considerações Finais

A partir de nossas análise, podemos encontrar claramente no jornalismo impresso, relações explícitas entre a *Matriz Verbal* e a *Matriz Visual*, com forte presença do discurso narrativo. Porém, no jornalismo *online* encontramos a presença das *Matrizes Verbal*, *Sonora* e *Visual* com a característica eminente da interação. Dessa forma, as *Matrizes da Linguagem* foram aplicadas aos veículos de notícias, impresso e *online*, e estes veículos foram analisados tanto no plano discursivo, como no nível da diagramação, com vias a buscar as diferenças significativas que podem ser observadas no uso das linguagens híbridas nestes diferentes veículos de comunicação e de sentido.

Algumas questões importantes que emergem de nossas primeiras observações sobre as singularidades e princípios de organização do jornal impresso, está o fato de que primeiramente, no que conceituamos como “nível do discurso”, a linguagem verbal escrita que compõem a base da informação do jornalismo impresso é, primeiramente, uma representação da linguagem verbal oral-auditiva. As notícias jornalísticas são exemplos de narração (na perspectiva da *Matriz Verbal*), na medida em que os textos narrativos organizam as ações e eventos em ordem seqüencial. Além da análise do plano discursivo do jornalismo impresso, desenvolvemos um estudo do nível de diagramação. O jornalismo impresso apresenta tradicionalmente na diagramação da notícia, no nível da matriz visual, casos de formas figurativas.

No caso do jornalismo *online*, a hibridização da linguagem se dá no nível verbal, sonoro, visual e interativo. Neste tipo de mídia, a notícia se apresenta como uma linguagem híbrida, composta por estruturas textuais diversas, que na perspectiva da *Matriz Verbal*, podemos descrever como descritiva, narrativa, dissertativa, porém integrando o corpo do cibernauta no processo de comunicação. Nestes termos, quando comparado com as estruturas de linguagem do jornalismo impresso, fica evidente que a notícia, a cada tempo, se insere as necessidades dinâmicas dos processos de comunicação e cultura do tempo e do espaço. Caracterizando-se essencialmente como uma forma de mídia interativa, os jornais na Internet permitem ao usuário traçar seu próprio percurso discursivo. A interatividade explorada na *web*, como seus *e-mails*, fóruns, *chats*, *newsletters* e etc. fazem do leitor-usuário uma parte do processo jornalístico, na medida em que é para ele que se destina e ao mesmo tempo se submete o conteúdo editorial.

Quando comparada com o jornal impresso, o jornal *online*, e suas notícias postadas na *web* apresentam diferenças bastante singulares que demonstram como a estrutura da linguagem se mistura aos processos de interatividade. Nas publicações digitais os *links* estão nas manchetes e no índice dos editoriais na *home-page*; enquanto que no jornal impresso, a localização da matéria indica sua importância. A página eletrônica é agrupada por editoria, tornando-se um índice geral. No nível do discurso, o hipertexto é um sistema de escrita e de leitura não linear aplicado à informática, caracterizando-se, por uma escrita e leitura multilinear e não-sequencial, de forma que no universo da grande rede, permite que as notícias jorrem informações em fluxo contínuo. No que concerne à diagramação, enquanto que no jornal impresso as páginas e figuras/imagens se apresentam em uma ordenação sintático-textual, no jornal *online*, encontramos uma forma de ordenação associativa, através do ato de navegação do internauta. Assim, o princípio da interatividade, característico do jornalismo *online*, permite ao leitor-usuário estar sempre dentro de um espaço informacional, ou seja, em um ambiente de signos híbridos no qual, imagens, gráficos, desenhos, figuras, palavras, textos, sons e até mesmo o vídeo, se

misturam na constituição de um sistema midiático complexo. Desse modo, o uso da Internet une as matrizes sonora, visual e verbal, em um mesmo espaço, criando uma linguagem múltipla e, sobretudo, dinâmica. O uso do jornal na internet se apresenta muito mais do que um mero somatório de linguagens, e sim como uma nova configuração discursiva: uma fusão das três *Matrizes da Linguagem* por meio do hipertexto.

6- Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. São Paulo. Editora Ática, 1979.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- MORAES, Francilaine Munhoz de. Discurso Jornalístico OnLine. *Comunicação e Espaço Público*, Ano VII, n. 1 e 2, p. 105, 2004.
- PEIRCE, Charles Sanders. Escritos Coligidos. In: *Os Pensadores*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- SANTAELLA, Lucia. *O que é Semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. *Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- _____. *Corpo e Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2004.